

Os Jornais de Imigrantes Guardados na Biblioteca Nacional¹

Camila ESCUDERO²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O presente estudo tem por objetivo resgatar parte da história dos impressos voltados para imigrantes, ou seja, publicações feitas por colônias e comunidades de estrangeiros destinadas a seus próprios integrantes. Conhecidos ainda como jornais de colônia, étnicos, estrangeiros, entre outros termos, sabe-se que esses veículos fornecem elementos ao seu leitor que propiciam contato direto com suas raízes e origens por meio de seu conteúdo – seja pelo idioma em que é escrito, seja pela etnia ou nacionalidade às quais está intimamente ligado. Para isso, propomos uma pesquisa no acervo de periódicos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, considerada pela Unesco uma das dez maiores bibliotecas nacionais do mundo e a maior da América Latina. Utilizando principalmente a técnica de análise de conteúdo, a pesquisa nos revelou, entre outros resultados, um total de 393 títulos, de pelo menos 20 nacionalidades diferentes, cujo conteúdo acaba por contribuir para o fortalecimento da identidade cultural (real ou simbólica) do grupo.

Palavras-chave: jornais de imigrantes; Biblioteca Nacional; identidade cultural.

Introdução

Oficialmente, o início da imigração no Brasil se deu em 1818, com a chegada de 1,7 mil suíços que se instalaram no Rio de Janeiro, especialmente na região serrana, onde fundaram a cidade conhecida atualmente como Nova Friburgo. O próprio processo de colonização brasileiro, a revolução industrial, o fim da escravidão, o crescimento demográfico europeu, as Primeira e Segunda Guerra Mundial e o comunismo na Rússia e Leste Europeu podem ser apontados como fatores macrossociais que contribuíram para a chegada dos imigrantes ao território brasileiro. Mas há outros, os microssociais (na maioria decorrente dos macros e de caráter conjuntural), entre os quais se encontram,

¹ Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Comunicação Social e graduada em Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), com pós-graduação em Jornalismo Internacional e Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora substituta da ECO-UFRJ, das disciplinas Teoria da Comunicação, Metodologia Científica e Comunicação e Realidade Brasileira. Bolsista do Programa Nacional de Apoio à Pesquisa (PNAP) 2013-2014 da Biblioteca Nacional. Integrante do Grupo de Pesquisa Diaspóricos e da Comunidade Emergente de Comunicação COMUNI. E-mail: camilaescudero@uol.com.br

principalmente, questões de ordem local (miséria, fome, doenças, carência de oportunidades etc.) ou mesmo pessoal (busca de riquezas e aventuras, laços de parentesco e amizades etc.).

Registros mostram que até 1940 – período que compreende também a chamada migração em massa, responsável por 70% do volume total de pessoas deslocadas entre os anos de 1880 e 1921 –, cerca de 4,7 milhões de estrangeiros tinham chegado ao território brasileiro. De 1944 a 1953, do total da população brasileira, 14,4% eram de espanhóis; 18,3%, de italianos; 1,1%, de japoneses; e 41,1%, de portugueses³.

O Brasil é tradicionalmente um país de imigração. Desde o descobrimento, foi ocupado, colonizado e povoado por diferentes grupos étnicos e raciais. O Brasil recebeu o terceiro maior contingente de imigrantes, pois, embora, tenha havido algumas oscilações, podemos dizer que o primeiro contingente se dirigiu para os Estados Unidos e o segundo para a Argentina. ‘Fazer América’ era o sonho da maioria dos imigrantes. Para muitos deles não havia diferença entre a América do Norte e a do Sul. A América era a terra de oportunidades, onde haveria a possibilidade de enriquecimento para todos (FREITAS, 1999, p.32-33).

O fato é que estes estrangeiros recém-chegados recriaram suas tradições no Brasil. Segundo Darcy Ribeiro (1995, p.21) – na sua obra clássica *O povo brasileiro* –, os estrangeiros introduziram no país novos contingentes humanos, principalmente europeus, árabes e japoneses e “já encontrando [o brasileiro] capaz de absorvê-los e abrasileirá-los, estrangeirou alguns brasileiros ao gerar diferenciações nas áreas ou nos estratos sociais onde os imigrantes mais se concentraram”. Assim, muitos se organizaram e se firmaram perante a sociedade brasileira.

[...] esses imigrantes tanto manipularam quanto modificaram o sistema, tornando-se, rapidamente, parte integrante da nação brasileira moderna, à medida que eles desafiavam as idéias de como essa nação deveria ser imaginada e construída (LESSER, 2001, p.19).

Foi neste contexto que surgiram os jornais, boletins, revistas, enfim, veículos impressos voltados para imigrantes, ou seja, publicações feitas por colônias e comunidades de estrangeiros destinadas a seus próprios integrantes. Denominados jornais de imigrantes,

³ Fonte: Site do Memorial do Imigrante: <http://www.memorialdoimigrante.sp.gov.br>. Acesso em: janeiro de 2014.

jornais de colônia ou coloniais, jornais étnicos, jornais estrangeiros ou de língua estrangeira, entre outros termos, no princípio, o objetivo primordial era estabelecer um canal próprio de comunicação entre os imigrantes que pudesse refletir suas necessidades (informações da terra natal, prestação de serviços como documentação, informações sobre emprego, moradia etc.), bem como garantir a manutenção da identidade cultural do grupo sem esbarrar no problema do idioma (eram escritos em línguas vernáculas).

Certamente, o jornal teve para os primeiros imigrantes esta função fortemente socializadora, levando ao conhecimento de todos os valores estabelecidos, e introjetando em cada um a ideologia dominante na época. Com a folha impressa, o imigrante entra em contato com um conjunto de normas, comportamento, idéias e valores organicamente sistematizados [...] (CAPARELLI, 1979, p.95-96).

De lá para cá, muita coisa mudou. Os imigrantes foram se integrando à sociedade brasileira e absorvidos por ela, em processos de aculturação e assimilação. As publicações impressas acompanharam essas mudanças⁴. Títulos desapareceram, outros surgiram e alguns se fundiram ou se reestruturaram, principalmente migrando para a Internet, onde custos de publicações e alcance de leitores destacam-se como facilidades das chamadas TIC's (Tecnologia de Informação e Comunicação). Assim, impresso ou digital, nos dias de hoje, a quantidade dos veículos informativos para imigrantes ainda é significativa — uma vez que, entre outros fatores, estão ligados a colônias tão diversas (com seus respectivos hábitos, costumes, tradições, interesses etc.) — apesar de não seguir um modelo único, com grande diversidade de estilos, formatos, estrutura e conteúdo.

Entre tamanha variedade, sabe-se que o jornal voltado para o imigrante fornece elementos ao seu leitor que propiciam um contato direto com suas raízes e origens por meio de seu conteúdo – seja pelo idioma em que é escrito, seja pela etnia ou nacionalidade às quais está intimamente ligado. Dessa maneira, em suas páginas, é comum assuntos e informações ligados à preservação e manutenção de sua identidade cultural (hábitos, costumes, tradições, língua etc.) do imigrante. E cabe ressaltar que adotamos aqui o conceito de identidade cultural de Stuart Hall (2005, p.112):

⁴ Conforme explica Sérgio Caparelli (1979, p.91): “as mudanças no sistema de comunicação expressam as necessidades que se criam dentro da sociedade e as mudanças da estrutura social correspondem a mudanças nos conteúdos veiculados e também nos próprios canais de informação”.

Utilizo o termo ‘identidade’ para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos ‘interpelar’, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividade, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode ‘falar’ (...) Elas [as identidades] têm a ver [...] com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões ‘quem nós somos’ ou ‘de onde nós viemos’, mas muito mais com as questões ‘quem nós podemos nos tornar’, ‘como nós temos sido representados’ e ‘como essa representação afeta a forma de como nós podemos representar a nós próprios’. Elas têm tanto a ver com a invenção da tradição quanto com a própria tradição, a qual elas nos obrigam a ler não como uma incessante reiteração mas como ‘o mesmo que se transforma’.

Os periódicos de imigrantes, porém, costumam-se revelar saudosistas uma vez que reúnem em suas matérias, artigos, editoriais etc. lembranças e memórias da pátria de origem. É no país receptor que a identidade do imigrante se torna mais autêntica que no de origem, não importando há quanto tempo se passou da chegada do imigrante e do seu estabelecimento no novo território e se essa identidade ainda existe no país de origem. Ou ainda, de acordo com o historiador Kim D. Butler (2001), a relação de determinados grupos com a terra d origem muda de acordo com cada momento histórico, pois a decisão de abraçar ou não uma identidade responde sempre a questões de poder, seja implícita ou explicitamente: “as pessoas gravitam em direção às identidades que possuem algum benefício e fogem daquelas que não oferecem nada de positivo” (BUTLER, 2001, p.25 – Tradução nossa).

A preservação da tradição, o resgate da ancestralidade e da cultura permeiam não só as atividades realizadas pelos mais variados grupos, associações e entidades retratadas nesses jornais, mas a forma de se comunicar dessas publicações. Percebe-se nelas a necessidade de se imprimir seu universo simbólico despertada no momento em que o imigrante se viu lançado na tarefa de construir para si mesmo uma realidade familiar – que o confortasse em meio a tantas coisas novas e desconhecidas encontradas no Brasil. Esta, por sua vez, pode ou não corresponder à realidade atual. Um imigrante recém-chegado destas comunidades se hoje em dia lesse essas publicações, talvez não se visse reconhecido nelas. É como falar que todo brasileiro gosta de samba e futebol — o que não representa a realidade, mas sim o imaginário comum que o estrangeiro tem do brasileiro. São

estereótipos que o imigrante tem a necessidade de manter para se identificar e ao mesmo tempo se diferenciar dos demais grupos.

A consciência nacional é inevitavelmente acentuada pela imigração. A solidão e um ambiente não-familiar remetem os pensamentos e as afeições do viajante de volta para sua terra nativa. O estranhamento com as novas coisas que o cercam enfatiza o parentesco com as coisas que ele deixou (PARK, 1922, p.49).

Diante de todas essas informações e ciente do papel da imprensa como contribuinte da compreensão da sociedade, objetivamos resgatar neste artigo uma parte relevante destes jornais, cuja história, em pleno século 21, ainda está toda por ser resgatada, contada e analisada. Para isso, propomos uma pesquisa no acervo de periódicos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BN), considerada pela Unesco uma das dez maiores bibliotecas nacionais do mundo, é também a maior biblioteca da América Latina. No prédio da BN, situado no Centro da capital fluminense, está guardado um acervo com cerca de nove milhões de itens⁵, entre livros, jornais, revistas, partituras, documentos, mapas etc., que começou a ser construído em 1808, a partir da chegada e instalação da família real portuguesa ao Rio.

O manuseio do acervo de periódicos da BN

Passamos cerca de dois meses pesquisando o acervo de periódicos da BN em busca dos jornais de imigrantes. A pesquisa, praticamente diária, foi feita em três etapas: 1) títulos digitalizados; 2) títulos microfilmados; e 3) títulos em papel. Como o sistema de busca do acervo não é indexado, ou seja, não basta digitar no sistema “jornal de imigrantes” para aparecer a lista de todos os títulos, o trabalho de busca foi feito de acordo com a etapa e basicamente manualmente.

Os títulos digitalizados foram os mais fáceis de encontrar, uma vez que são em menor quantidade e o próprio sistema já traz todas as informações necessitadas.

Com relação aos títulos microfilmados, foi preciso ler toda a lista com os nomes de todos os periódicos que estão em microfimes (cerca de 15 mil títulos) para encontrarmos os jornais de imigrantes. Em seguida, todos os títulos achados foram analisados em

⁵ Fonte site da Biblioteca Nacional: <http://www.bn.br>. Acesso em: maio de 2014.

microfilme. Vale ressaltar aqui que, alguns títulos existentes no sistema não foram localizados pelos funcionários no arquivo no dia pesquisado.

A terceira etapa foi a mais complexa, uma vez que seria impossível ler todos os títulos disponíveis em papel que contam no sistema, cerca de 40 mil. Assim, optamos em fazer a pesquisa pelas seguintes palavras chave colocadas no campo de busca do sistema “todos os campos”: imprensa imigrante; imprensa étnica; imprensa estrangeira; jornal de colônia; imigração; imigrante(s); estrangeiro(s); colono; colônia; árabe; italiano(a); Itália; ítalo; espanhol(a); Espanha; espanhol(a); España; hispano(a); francês(a); França; franco; alemão(o); Alemanha; luso(a); Portugal; ibérico(a); britânico(a); Suíça; Suécia; Escandinávia; angolano(a); Angola; Cabo Verde; Moçambique; africano(a); África; Síria; Líbano; libanês(a); Americano(a); América; Estados Unidos; Argentina; México; mexicano(a); Peru; peruano(a); Chile; chileno(a); Cuba; cubano(a); Equador; equatoriano(a); Bolívia; boliviano(a); latino(a); Armênia; Húngara; Ucrânia; Polônia; polonês(a); Israel; israelense(s); judeu(s); Palestina; Coreia; coreano(a); Japão; japonês(a); China; chinês(a) – entre outros termos referentes a nacionalidades que há registro histórico para o Brasil, como austríacos, gregos, indianos, marroquinos etc.

Após a localização e identificação desses jornais no acervo, fizemos uma análise de conteúdo baseada nos conceitos e indicações de Krippendorf (1990) e Bardin (1977) a fim de verificar quantos são, nacionalidades envolvidas, títulos e demais itens que remetam a características editoriais destes veículos, como data e local de circulação. Segundo esses autores, a proposta aqui é buscar uma lógica a partir de uma perspectiva relativizada, não particular ou única, mas fundamentada na comparação e explicação a fim de revelar as perspectivas e observações sobre forma e conteúdo com foco, extraíndo por detrás de seus conteúdos manifestos, conteúdos latentes e contextualizando, em termos da sociedade total, elementos de sentido social.

Principais resultados

A pesquisa nos revelou um total de 393 títulos de jornais imigrantes presentes no acervo da BN de pelo menos 20 colônias de nacionalidades diferentes⁶. A maior quantidade refere-se à colônia alemã (97 títulos), seguida da italiana (62), da portuguesa (53), da

⁶ No total foram 21 grupos encontrados, sendo que um deles não foi classificado por nacionalidade, e sim por grupo, ao qual chamamos de “colônias de grupo”. Esta denominação se refere a africanos, anglo-falantes, ibéricos e latinos.

israelense e judia (45), da francesa (32), da japonesa (20), da espanhola (16) e da árabe e sírio-libanesa (13). Só essas oito nacionalidades correspondem a 340 títulos, ou 85% do acervo. O restante, ou seja, os outros 25% compreendem as colônias, na seguinte ordem: chilena (5 títulos), angolana, armênia e polonesa (4 títulos cada), coreana e suíça (3 cada), boliviana, húngara, palestina e ucraniana (2 cada), e argentina e mexicana (1 título), além das que categorizamos como “colônias de grupo”, isto é, africana (1 título), anglo-falantes (12 títulos), ibérica (1), e latina (8), totalizando neste item 22 títulos encontrados.

Com relação à localização desses jornais, verifica-se que a grande maioria circulou (ou ainda circula) nas cidades de Rio de Janeiro-RJ, 158 títulos, e São Paulo-SP, 66. Outras cidades também se destacam no quesito quantidade. São elas: Porto Alegre-RS (13 títulos), Curitiba-PR (11), Blumenau-RS (27) e Joinville-SC (7). Uma das hipóteses pelas quais elas se destacam é o grande número de jornais voltados para imigrantes alemães verificados no acervo da BN e que se instalaram majoritariamente na região Sul do Brasil (Blumenau e Joinville, principalmente). Com relação a Curitiba, além dos títulos da colônia alemã, verifica-se periódicos destinados às colônias italiana (1), israelense e judia (1), e polonesa (1); no caso de Porto Alegre, além dos títulos alemães, estão das colônias espanhola (1), italiana (4) e portuguesa (2). As cidades de São Leopoldo e São Bento, ambas no Rio Grande do Sul, também merecem destaque, com dois títulos de jornais alemães cada. Chama-nos a atenção o fato de todas as regiões brasileiras terem sido contempladas com, pelo menos, um título de jornal imigrante. Apesar da liderança das regiões Sudeste e Sul – as mais desenvolvidas e as mais próximas geograficamente do Rio de Janeiro, onde se localiza a BN – verificou-se a existência de títulos em Manaus-AM (1 sírio-libanes, 4 espanhóis, 1 israelense e judeu e 1 japonês, totalizando 7), Brasília-DF (2 árabes, 1 húngaro, 1 palestino, 1 israelense e judeu), Belém-PA (2 japonês e 1 italiano), Recife-PE (1 alemão e 1 chileno), São Luiz-MA (1 latino), Salvador-BA (1 português), Aracaju-PI (1 africano), João Pessoa-PB (1 anglo-falante) e Natal-RN (1 palestino). Merece destaque ainda o fato de este tipo de periódico ser encontrado não só nas capitais, mas também em cidades do interior, como São Leopoldo-RS (4 alemães), Guarapuava-PR (1 alemão), Urussanga-SC (4 italianos), Ouro Preto-MG (1 italiano) e Ribeirão Preto-SP (1 italiano), por exemplo. Outro fator que merece comentário é que cidades reconhecidas como redutos de imigrantes, por exemplo Petrópolis-RJ, com seu histórico alemão, não apareceu no acervo.

Sobre o período de circulação destes jornais, verifica-se que a maioria (148 títulos ou 37% do total) foi veiculado entre 1880 e 1920 e 85 títulos (21% do total) circularam entre 1921 e 1960, justamente os períodos conhecidos como “grande corrente migratória” ou “migração em massa”, especialmente de europeus para o Brasil – virada do século e Segunda Guerra. Isso mostra, conforme verificado em estudo anterior (ESCUADERO, 2007), que a imprensa imigrante cresce, se diversifica e tem uma atuação mais relevante e abrangente, pelo menos em números, a partir da chegada, estabelecimento e organização dos grupos de estrangeiros no país. Assim, é possível afirmar que a história da imprensa imigrante, independentemente da localidade territorial, se mistura com a própria história da formação e desenvolvimento sociais migrantistas, num processo natural e simultâneo de reflexão e influência. Anterior a data de 1880 (dos primeiros até 1879), encontramos um total de 62 títulos (15%) e a partir de 1961 até os dias de hoje, um total de 97 periódicos (24%)⁷.

O periódico mais antigo localizado é *O Regulador Basílico-Luso*, de 1822, voltado aos portugueses que viviam no Rio de Janeiro, e o mais recente é *Brazil Angola Magazine*, de São Paulo, datado de 2011. Entre as colônias⁸:

- **Alemão:** o mais antigo é *O colono alemão*, que circulava no Rio de Janeiro em 1836; o mais recente encontrado é *Deutsche Welt – Mundo Alemão*, veiculado em 1987, também no Rio de Janeiro.
- **Angola:** o mais antigo é *Atualidade Angolana*, de 1987, no Rio de Janeiro; o mais recente é *Brazil Angola Magazine*, de São Paulo, datado de 2011.
- **Árabe e Sírio-libanesa:** *Al-Assmahy: Folha diária* é o mais antigo, de 1898, em São Paulo; como mais recente, destaca-se o periódico *Chams*, de São Paulo (1991).
- **Armênia:** o mais antigo é a *Revista Armênia – Mensário Imparcial de Defesa da Cultura Armênia*, de 1967, em São Paulo; como mais recente há o registro do *Comunidade Armênia – Informativo da Comunidade Armênia*, também de São Paulo, de 2002.
- **Boliviana:** foram encontrados apenas dois – *Revista de la Sociedad Boliviana*, de 1939 (a localização ainda não foi checada devido ao acesso limitado aos periódicos

⁷ A quantidade total de periódicos descrita neste parágrafo é de 392 títulos porque um dos títulos não foi possível verificar a data de circulação.

⁸ As colônias argentina, mexicana e ibérica não foram detalhadas aqui por apresentarem apenas um periódico cada.

de papel, conforme descrito anteriormente) e *La Puerta de Sol – Organo Oficial de la Asociacion de Residentes Bolivianos*, de 1996, de São Paulo.

- **Chilena:** O mais antigo é a *Revista Chilena*, de 1875; o mais recente, *La Voz de Chile – Associação Brasil-Chile de Amizade*, de 1988. Ambos estão em papel e a localização ainda não foi verificada.
- **Coreana:** como mais antigo destaca-se *Korea Today*, de 1960; o mais recente é *Diário Nammi Dong A*, de São Paulo, de 1987.
- **Espanhola:** *La Abeja – Periódico Político y de Agricultura, Artes y Beneficencia*, de 1868, do Rio de Janeiro, pode ser apontado como o mais antigo; como mais recente, está o *Jornal de España – informativo hispano-brasileiro*, de 1989, do Rio de Janeiro.
- **Francesa:** há dois títulos de 1827, identificados como os mais antigos – *L’Echo de L’Amerique du Sud* e *L’Indépendent*, ambos do Rio de Janeiro; como mais recente, verifica-se o *Le Journal de L’Alliance*, também do Rio de Janeiro, de 1985.
- **Húngara:** foram localizados apenas dois, sendo o *Delamerikai Magyar Hirlap – Gazeta Húngara*, de 1954 (a localidade ainda precisa ser checada – em papel), o mais antigo e o *Boletim Informativo da Embaixada da República Popular da Hungria*, de 1980, no Distrito Federal.
- **Italiana:** *L’Iride Italiana*, de 1854, é considerado o mais antigo, enquanto que dois títulos, ambos datando de 1999, são os mais recentes: *Forum Democrático – Menise dell’Associazione per l’Intercambio Cultural Italo-Brasiliano Anita e Giussepe Garibaldi* (Rio de Janeiro) e *Insieme – A Revista Italiana Daqui: Organo Officiale dell’a Associazione Stampa Italiana in Brazile* (São Paulo).
- **Israelense e Judia:** o mais antigo é *O Semanário Israelita*, de 1923 (em papel, localidade a ser verificada); o mais recente é *El Djudió – Informativo do Centro Hebraico Riograndense*, de Porto Alegre (2010).
- **Japonesa:** *Intercâmbio Nipo-Brasileiro* é o mais antigo, datado de 1941 (em papel, localidade será checada posteriormente); *Rio Nikkei – Associação Nikkei do Rio de Janeiro*, de 2004, é o mais recente.
- **Palestina:** como só foram encontrados dois títulos, temos como mais antigo *Palestina – Organização para a Libertação da Palestina no Brasil*, de 1984, em Brasília e, como mais recente, *COPLAC – Palestina Informa*, de 1989, que circulava em Natal.

- **Polonesa:** *Judeu Polonez – União dos Poloneses no Brasil*, de 1950, no Rio de Janeiro, é o mais antigo; *New Lud – Órgão Quinzenal de Comunicação da Comunidade Polonica/Polonesa do Brasil e da América Latina*, de 1993, de Curitiba, é o mais recente.
- **Portuguesa:** o mais antigo é *O Regulador Basílico-Luso*, de 1822, do Rio de Janeiro; já como mais recente, verifica-se *O Mundo Lusíada*, de 1997, de São Paulo.
- **Suíça:** *Desamis - Informativo da Associação dos Descendentes e Amigos dos Imigrantes Suíços*, de 1895, do Rio de Janeiro é o periódico mais antigo; como mais recente, destaca-se *Heveltia – Clube Esportivo Heveltia*, de 1974, de São Paulo.
- **Ucraniana:** como só foram encontrados dois títulos, *Ykpaйhcbkn Miciohap - Missionário Ucraniano no Brasil - Periódico religioso para Ucranianos Católicos*, de Prudentópolis (PR), é o mais antigo, datado de 1912; já o mais recente é *Boletim da Sociedade Ucraniana da Sulameria*, de 1957 (em papel – localidade a ser checada).
- **Anglo-Falantes:** *The Rio Herald* é o mais antigo, de 1828, do Rio de Janeiro; *Welcome – The Journal of the English Speaking Community of Brazil*, de 1981, também do Rio de Janeiro, o mais recente.
- **Latina:** a mais antiga, de 1874, é a *Revista Latino Americana* (em papel – localidade a ser verificada); a mais recente é *Praia Grande – Informativo Cultural da Sociedade de Cultura Latina do Estado do Maranhão*, de 1998, de São Luiz.

Gostaríamos de fazer um comentário sobre a rara quantidade de jornais imigrantes encontradas no acervo da BN que circulam atualmente – após 2000, apenas 15 títulos. Um dos motivos, acreditamos, é o surgimento e a popularização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), principalmente a Internet, no final do século 20. Sabe-se que aliado ao fim dos grandes fluxos migratórios para o país e o já concluído processo de aculturação e assimilação desses primeiros imigrantes estrangeiros, com a formação de novas gerações, ainda que de descendentes, porém, nascida em terras brasileiras, o fácil acesso e baixo custo da Web fez com que muitos periódicos que ainda existiam migrassem para a tela do computador. Claro que neste período, outras correntes migratórias se intensificaram, apenas para citar dois exemplos, o caso dos bolivianos e haitianos que estão vindo para o Brasil. Porém, ao contrário do passado, os próprios veículos de comunicação desses grupos já são

criados em versão digital, conforme pesquisa nossa atual (HAJJI; ESCUDERO et all, 2014).

Ainda no que diz respeito especificamente ao acervo da BN, dos 393 títulos encontrados de jornais de imigrantes, 95 estão digitalizados, 117 estão microfilmados e 181 estão no formato papel.

Sobre as características gerais desses títulos encontrados, não foi feita uma análise mais profunda – e nem era esse o objetivo do presente estudo. No entanto, podemos ressaltar algumas impressões obtidas apenas pela leitura rápida da maioria dos títulos que julgamos pertinentes para o tema.

1. Não é possível precisar a data exata de quando os jornais para imigrantes surgiram no Brasil pelo acervo da BN, já que as datas citadas no mapeamento referem-se à data da primeira edição constante no acervo que, não é necessariamente, a data da primeira edição de tal veículo.
2. A aparição destes jornais está relacionada às necessidades e ideias que se criam dentro da comunidade à qual a publicação está inserida. Estas necessidades correspondem, entre outros aspectos, à identificação social, à busca pela informação, à quebra do isolamento e ao contato com a sociedade de adoção, à sobrevivência na nova terra e à preservação e manutenção de tradições e culturas próprias. Além disso, essa questão envolve a capacidade de mobilização de determinado grupo, bem como os níveis de desenvolvimento econômico – o que acaba implicando no acesso aos meios físicos e técnicos de impressão e circulação característicos de qualquer tipo de imprensa – e de liberdade encontrados na localidade receptora.
3. Muitos dos títulos verificados são escritos em língua vernácula ou bilíngues (idioma original da colônia + português). Especificamente na ocasião dos primeiros jornais encontrados, tal característica remete à necessidade dos envolvidos (comentada anteriormente), uma vez que alguns grupos não tinham o conhecimento da língua do novo território; para os jornais de uma fase mais atual, tal questão está majoritariamente ligada ao idioma como meio de identificação e reconhecimento.
4. Sobre o conteúdo desses jornais, destacam-se textos de estímulo à manutenção da identidade e dos laços culturais e afetivos que remetem à terra de origem; o assistencialismo e prestação de serviços; o fórum de debates e ideias (de caráter

político, religioso etc.); a facilitação da socialização no novo território (ao mesmo tempo e contraditoriamente), baseada na defesa das tradições, valores e moral da colônia em si ou de seus membros; a divulgação cultural; e a denúncia de problemas, desigualdades e/ou irregularidades que atinge diretamente a colônia ou a localidade na qual ela se insere. Vale ressaltar ainda que alguns são “segmentados” e, por exemplo, tem conteúdo voltado a católicos italianos, a luteranos ou maçons alemães, a empresários árabes e portugueses, a jovens japoneses, a professores alemães; ou ainda publicações que focam determinada editoria: política, econômica, cultural etc.

5. Por vezes, as iniciativas de criação de uma publicação voltada para imigrantes não nasce da colônia e/ou comunidade, mas são desencadeadas e mantidas por interesses econômicos, políticos e ideológicos, dando origem a periódicos que são verdadeiros empreendimentos comerciais que ressaltam a causa migrantista como um segmento de mercado, de alguma maneira rentável (financeira ou politicamente, no aspecto da influência, do prestígio ou do status) a seus produtores.
6. Por fim, com tantas diferenças culturais, econômicas, sociais e ideológicas envolvendo, não só as colônias, mas as localidades e períodos, não é possível fixar um modelo único de publicações voltadas para imigrantes. Há registros desde revistas e jornais ou simplesmente boletins e *newsletters* feitos por empresas jornalísticas de pequeno e médio porte, de caráter rudimentar ou alta qualidade de impressão. Existem os de circulação restrita à colônia, com tiragens ínfimas, e os que chegavam a outros Estados brasileiros e até a outros países, em especial, da América Latina, com número grande de exemplares. Os redigidos em linguagem popular e os que preferiam um estilo um pouco mais erudito. Os diários, semanários, mensais, bimestrais, número único... Enfim, listar todas as possibilidades é um trabalho praticamente impossível. A única semelhança é que os jornais de língua estrangeira — como os que formam a pequena imprensa, no geral — sempre se espelharam no tipo difundido pela grande imprensa. Quando se decide fazer um jornal é natural que a primeira atitude seja reproduzir o modelo já conhecido e, no caso dos imigrantes, o modelo conhecido nos seus países de origem.

Um último aspecto que merece destaque é que ainda que exista a chamada “Lei do Depósito Legal” (N. 10.994, de 14/12/2004, e N. 12.192, de 14/01/2010) – que determina a

remessa à Biblioteca Nacional de um exemplar de todas as publicações produzidas em território nacional, por qualquer meio ou processo, objetivando assegurar a coleta, a guarda e a difusão da produção intelectual brasileira, visando à preservação e formação da Coleção Memória Nacional – há registros e conhecimentos de títulos que não constam no acervo⁹. Neste caso, uma das hipóteses levantadas é que, como se trata de uma lei relativamente nova, ainda não houve tempo hábil para que tais obras tenham sido catalogadas, devido à enorme demanda ou que os editores não tenham enviado exemplar à BN por desconhecimento da lei ou pela própria característica artesanal e amadora que envolve este tipo de imprensa. Além, é claro, do baixo número de jornais de imigrantes que circulam atualmente.

Considerações finais

Se, por um lado, as páginas destes periódicos nos revelam facetas interessantes da comunicação social, por outro, nos mostram o próprio fenômeno migratório nos seus mais variados ângulos: político, econômico, cultural, social etc. Estudar estes jornais implica necessariamente ir afundo na própria história da migração. Até mesmo porque a imprensa de língua estrangeira – como qualquer outro tipo de meio de comunicação – não é algo exterior a sociedade, mas sim um canal para influir e refletir sobre ela ao mesmo tempo em que serve de espelho dos acontecimentos sociais e seus membros, ainda que carregado de subjetividade.

Num processo natural, é a própria história da imigração (com seus altos e baixos) que vai guiar a história de sua imprensa, mesmo que nesta seja necessário se fazer cortes ideológicos, étnicos, religiosos, políticos e outros de qualquer ordem, uma vez que estamos lidando com um meio de comunicação que envolve participantes dos conflitos sociais e atuantes na história.

De acordo com Santos (2004), quem trabalha com jornais sabe que os mesmos são fonte de onde se extrai o panorama de uma comunidade. Embora sempre tendo como pano de fundo uma corrente ideológica, o jornal é um signo através do qual se pode captar o universo da sociedade em que está inserido.

⁹ Alguns exemplos: *Musu Lietuva* (Nossa Lituânia), *Nikkei Shimbun* (japonesa), *Le Nouveau Franc-Parler* (francês), *Jornal Chinês 'Americana'*, *Sunday News* (anglo-falantes) – todos circulavam em São Paulo entre 2005 e 2007 (ESCUDEIRO, 2007).

[...] A imprensa e os homens que nela atuam são a consciência dos grupos sociais. Além de atuarem no sentido de registrar e comentar, eles são parte envolvida nos conflitos das comunidades, cuja atuação pode influir e, muitas vezes, modificar os próprios acontecimentos (SANTOS, 2004, p.33).

Neste sentido, gostaríamos de destacar uma instigante frase de Robert Park (1922, p.113 – Tradução nossa): “Através da imprensa imigrante os habitantes do grande mundo externo podem ter uma particular visão sobre o pequeno mundo do imigrante. Ler algum destes jornais estrangeiros é como olhar pelo buraco da fechadura numa sala iluminada”.

O mesmo se aplica, ao nosso ver, a um acervo, como o da Biblioteca Nacional. Estar em contato com as obras ali guardadas, inacessíveis para muitas pessoas ou praticamente esquecidas por outras, é como participar ativamente de uma parte da história do Brasil, levantando e analisando informações, mas descobrindo caminhos percorridos e novas possibilidades de conhecimento e resgate da memória.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BUTLER, Kim D. Defining diasporas, refining a discourse. *Diaspora: a Journal of Transnational Studies*, v.10, n.2, 2001. p.189-219.

CAPARELLI, Sérgio. Identificação social e controle ideológico na imprensa dos imigrantes alemães. **Comunicação & Sociedade**. São Bernardo do Campo: Cortez & Moraes / Metodista, ano I, n.1, 1979. p.89-108.

ESCUADERO, Camila. **Imprensa de comunidades imigrantes de São Paulo e identidade: estudo dos jornais ibéricos Mundo Lusíada e Alborada**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2007.

ESCUADERO, Camila; ELHAJJI, Mohammed. **Webdiáspora.br**. Rio de Janeiro: Mimeo, 2014.

FREITAS, Sônia Maria. **Falam os Imigrantes...** Memória e Diversidade Cultural em São Paulo. São Paulo: [s.n.], 1999.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: TADEU SILVA, Tomaz (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 103-133.

KRIPPENDORFF, Klaus. **Metodologia de Analisis de Contenido**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1990.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional**: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: UNESP, 2001.

PARK, Robert. **The immigrant press and its control**. New York: Harper & Brothers, 1922.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

SANTOS, Roselys Isabel. Imprensa e imigração italiana em Santa Catarina. In: DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo. **Imigração & imprensa**. São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004. p.26-34.